

Editorial

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.”

M. Foucault

Ao colocar em circulação o número sete (n. 7) de ***Evidência*** – *olhares e pesquisa em saberes educacionais*, o Uniaraxá confirma mais um passo na direção do cumprimento de objetivos e metas no que diz respeito à produção científica na área de Educação e sua publicação. ***Evidência*** chega ao sétimo ano contínuo de ininterrupta circulação.

Esse esforço e esta conquista estão muito bem colocados no espaço da reflexão e da pesquisa, tanto no Brasil quanto no exterior, especialmente na América Latina, que busca seu desenvolvimento econômico e social, consciente de que os investimentos em educação representam caminho seguro para as conquistas almejadas. E não se trata de investimentos apenas de cunho econômico/financeiro; trata-se de investimento em todos os níveis, pois, se não houver um número significativo de professores conscientes de seu papel transformador da sociedade, não se vai realizar as conquistas desejadas e que são fundamentais para o presente e para o futuro da sociedade.

Não foi sem razão que figura como epígrafe deste editorial a afirmação de M. Foucault¹ – “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.” – exatamente porque ele traz duas palavras altamente significativas: manter, modificar. Portanto, a educação pode manter ou modificar “*a apropriação dos discursos*”, o que deixa nas mãos de todos os agentes da educação, digamos, em especial, os professores, o poder de realizar a condução da sociedade para uma dessas duas direções. Vale, então, lembrar que se trata de uma questão de ideologia e de prática. Se investimentos forem feitos em professores que se tornem sujeitos autônomos e em condições discursivas de operarem as mudanças, estas serão realizadas e as consequências são, não só imprevisíveis, mas na direção das modificações que alimentam os sonhos atuais da sociedade. Mas se os investimentos não forem feitos, ou se forem feitos no sentido da preservação da alienação em que vive uma parcela superior a 50% dos professores e agentes de educação, por certo que serão mantidos os

níveis de apropriação dos discursos e a consequência também será clara: todos os comportamentos sociais apontados como reprovados, atualmente, estarão garantidos para o futuro e com a cumplicidade da educação em um processo de autodestruição que já teve seu início. Basta, para confirmar esta afirmação, observar os altos índices de violência e desrespeito de toda ordem: os episódios de guerra e de terrorismo; o desrespeito à integridade das pessoas e das nações; o desrespeito às leis, aos tratados e acordos, tanto de ordem nacional quanto internacional... e o retorno à barbárie como pode ser visto em episódios recentes e atuais.

Mas é importante deixar a citação factual e voltar-se para a reflexão, própria da ciência e da educação. Neste número 7 de Evidência, quem abre o primeiro tópico de reflexão é uma dupla de professores – Danilo Pimenta e Alessandro Pimenta – questionando a relação existente entre ensino de Filosofia e ato de filosofar. No fundo, eles estão buscando a construção de uma consciência de que homem e Filosofia estão um para o outro. É próprio da constituição do ser humano o ato de filosofar e é possível apostar no crescimento de humanização de uma sociedade à medida que a reflexão filosófica ocupe mais espaço na vida das pessoas e nas relações entre elas. E, infelizmente, o contrário também é realidade que pode ser experimentada, como serve de exemplo o perfil de comportamento da sociedade nesta última virada de século, nos últimos cinquenta anos. E a conclusão desses professores pode ser vista como uma das mensagens desta publicação:

“Mas, enfim, o que fazer para proteger e salvar o desejo de Filosofia? A resposta é salvar a revolta lógica, isto é, salvar as nossas insatisfações para com o dado (tudo que nos cerca, inclusive nós mesmos) e devemos salvar também o nosso poder argumentativo, pois, somente assim, seremos capazes de expor, com coerência e originalidade, a Filosofia como visão de mundo.”

Na sequência dos artigos, estão três produções sobre questões relacionadas diretamente com o exercício de educar e o desafio da aprendizagem. A Prof.^a Maria José Duboc relaciona neurociência e aprendizagem, mostrando que as conquistas da neurociência podem ajudar na solução dos problemas de aprendizagem, mas isto aponta para a necessidade de estudo dos professores que, na grande maioria, desconhecem estes avanços e conquistas. O Prof. Arturo Pinto Guevara mostra que é possível fazer educação e atender todos os alunos com necessidades educativas especiais, quer transitórias ou permanentes, inclusive os casos de transtornos, mas, para tanto, é necessário investimentos econômicos e financeiros, propostas claras de mudanças da prática educativa com melhoria da qualidade dos professores e adequações curriculares em profundidade. E, é claro que na educação

há um ingrediente fundamental, que é trazido para os leitores pelo Prof. Daniel Stefany: “Educar com o coração”. O que lembra frases altamente significativas ou expressões e palavras que habitam o universo da educação: “Deixai vir a mim as criancinhas”²; “amorevolezza”³; “sem perder a ternura”⁴.

Seguindo em frente, vêm a Prof.^a Melina Xavier e o Prof. Gecilmar Pereira com um convite à reflexão sobre a Literatura e o fazer literário. Muito mais que a arte de Poe e Balzac encontra-se a construção de sujeitos a partir da enunciação literária, um verdadeiro ato de gestação, de criação, pois os textos literários tomados ou construídos são, na verdade, espaço de criação de sujeitos que ocuparão espaço no universo social, no mesmo nível dos sujeitos empíricos e, muitas vezes, com superioridade, pois são mais presença que bilhões de sujeitos que se foram sem deixar nem lembranças. Dom Quixote é mais presença na história que a maioria dos reis de seu país; o Pequeno Príncipe tem mais vida que os príncipes da Europa; e Capitu continua tragando os leitores com seus “olhos de ressaca”. Isto só para lembrar alguns personagens fantásticos que viraram sujeitos. E o que dizer de Macunaíma? É um convite para ler “Macunaíma e o mito de Exu”, a partir da página 73. Ali, vamos ver que não se trata de apenas uma criação de Mário de Andrade, mas é uma ponte para ingressarmos no Brasil africano e ter conhecimento de que esse povo brasileiro é mais que chegada; é ponto de partida.

E outra sequência fecha-se com as reflexões do Prof. Geraldo Magela. Ao discutir a questão do discurso biográfico, ele convida à reflexão sobre o discurso: sua produção, sua constituição, sua circulação e o que ele pode aprontar nos sujeitos e com os sujeitos, no que diz respeito à produção de sentidos. Só para provocar, pois não há espaço aqui para esta discussão, pode-se lembrar desde Saussure dizendo que “a língua existe em função do discurso”, passando pelo que já foi abordado no início deste texto reportando a Michel Foucault, e chegando a defesas, no presente, que apontam para o papel do discurso como construtor dos fatos históricos, e das realidades empíricas. Neste ponto, é bom pensar que tudo que existe só existe a partir do momento em que se tornou palavra enunciada no espaço do discurso.

Com o Prof. Alberto Miguel, vamos pra o universo da escola, do material escolar, para compreendermos as articulações do multiculturalismo e para enveredarmos nas reflexões de nosso tempo, em especial nas reflexões sobre gênero, que abrem espaço para a compreensão das lutas sociais e para o mundo de inseguranças e insatisfações que povoam e constituem os sujeitos.

Entre os grandes problemas que atravessam as práticas da educação escolar, está o currículo, que quase sempre engessa o trabalho dos professores, a dinâmica das escolas,

as atividades dos alunos e deixa sem sucesso as experiências de aprendizagem que todos buscam. Apesar dos caminhos apontados por muitos estudiosos do currículo, como é o caso do Prof. José Tadeu da Silva, a experiência escolar tem mostrado as falhas de uma proposta política e ideológica de Estado que tem tido resultados que não justificam os altos investimentos financeiros feitos com os programas de produção e distribuição de livros didáticos. Quatro professores – Adriene Coimbra, Hermes da Costa, Fabíola Melo e Fábio Vasconcelos – constroem suas reflexões, a partir da página 115, sobre o currículo. E apontam algumas conclusões interessantes, sempre mostrando que o currículo que engessa escraviza e mata, portanto, é preciso construir currículos que libertam as pessoas, fazem pensar e abrem espaço para a construção de uma sociedade mais justa e mais feliz. São artigos cheios de indagações, mas indagações que partem de realidades educacionais e mostram sujeitos preocupados com os rumos das escolas e da educação em seu país.

Prof.^a Ivana Lodi continua suas proposições sobre a formação de professores e sobre os desafios da profissão docente. E, junto com ela, tem-se a presença da Prof.^a Aline Tatiane de Oliveira, que escreve sobre a formação de professor e, em específico, do professor que ensina Matemática. Ainda no espaço da educação escolar, os professores Ernesto Cezar, Haline Rodrigues e Margaret Prado voltam seu olhar para a realidade da gestão educacional.

Fecham este número 7 de Evidência quatro artigos que estão voltados para a reflexão sobre o fazer científico. São textos que discutem aspectos da produção científica, examinando princípios metodológicos, como o uso da entrevista e do questionário. O último deles transita no espaço da experiência, para demonstrar o fenômeno da “fidelização de clientes” no espaço empresarial. Mas a grande contribuição que pode dar ao leitor de Evidência é mostrar que as relações no espaço da educação e da escola passam também pela necessidade de fidelização destas mesmas relações, pois, enquanto no espaço da empresa as relações são permeadas pelo capital e pelo fenômeno do consumismo, nas escolas e nos espaços educacionais, as relações interpessoais têm outros elementos que exigem sua fidelização, como os diferentes valores humanos e os compromissos do ser humano com todos os outros seres do Universo.

Ainda, como convite à leitura, à reflexão e à produção científica, estão publicados dois textos: um ensaio e uma resenha.

Mas...

“E a pergunta roda / e a cabeça agita”⁵... porque a situação em que se encontra a educação, no presente, há muito o que fazer. Basta lembrar que os doze anos, no mínimo, que uma pessoa passa frequentando a escola não se têm mostrado suficientes nem para

que esse sujeito domine a estrutura básica da língua falada por mais de 99% da população brasileira. Ou não são suficientes para que domine as operações básicas e fundamentais da Matemática. E isso ocorre com mais de 70% de quem frequenta a escola – e vejam que estamos em um país em que o índice de crianças e jovens fora da escola, na faixa etária própria, é mínimo, até por questão legal, pois os pais são obrigados a matricularem e manterem seus filhos na escola dos seis aos 18 anos.

Diante desta realidade, a frase de Gonzaguinha, supracitada, é muito ilustrativa para dizer que as perguntas estão aí cada vez mais acentuadas, suscitando pesquisas para a busca de respostas e possíveis soluções. Em outras palavras, o espaço para a pesquisa e produção científica no campo da educação, especialmente da educação escolar, está aberto e farto de material a ser analisado. Por outro lado, no campo da construção teórica sobre a educação, estão estabelecidos fartos marcos e os referenciais são múltiplos. Faltam, apenas, vontade política e investimentos para que a educação possa melhorar e, é claro, falta a melhoria da qualidade do corpo de professores, pois essa profissão e função social foi reduzida a uma categoria inferior por uma decisão política e ideológica em nome da manutenção das estruturas de poder tal qual estão postas em Foucault e já citadas aqui: “Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar...”.

Para encerrar estas considerações editoriais, é oportuno voltar as atenções para as questões do discurso – sobretudo as que dizem respeito à constituição do sujeito e à produção de sentido –, para a problemática das funções da escola e para o papel político dos professores no espaço escolar. Vale a pena, então, intensificar as reflexões científicas e a correspondente produção e publicação, levando em conta que

“Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto de desejo; e visto que [...] o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”⁶

Mas não é só isso. Todo professor tem que ter consciência de que

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinado, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócioideológica em torno do objeto de tal enunciado, e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica...⁷

E mais: todo professor tem que estar seguro de que “discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística; referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas”⁸.

Mais diretamente para os professores que ensinam uma Língua – ou fazem uso dela para ensinar – fecha-se este editorial com uma consideração de M. Pêcheux⁹

O objeto da linguística (a própria língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformação do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no relançar indefinido das interpretações.

Prof. M.e Hermes Honório da Costa

- editor -

Notas

¹ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 10. ISBN: 85-15-01359-2.

² Jesus Cristo.

³ São João Bosco

⁴ Che Guevara

⁵ Gonzaguinha, em “*O Que É, O Que É?*” – letra e música de sua autoria.

⁶ FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996, p. 10. ISBN 85-15-01359-2.

⁷ BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992., p. 87.

⁸ FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005, p. 20. ISBN: 85-99139-05-3.

⁹ PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2002, p. 51.

* Prof. M.e Hermes Honório da Costa

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/4639297417731922>

Endereço eletrônico: hermes@uniaraxa.edu.br; hermeshc@gmail.com